



ARTIGO  
ARTICLE

---

## Construções de um passado histórico ficcional: uma leitura da trilogia da memória de Pedro Orgambide

*Building an historical and fictional past: a way of reading the memory trilogy of Pedro Orgambide*

Fernanda Palo Prado 

Doutoranda em História Social, Universidade de São Paulo  
ppradofe@usp.br

PRADO, Fernanda Palo. Construções de um passado histórico ficcional: uma leitura da trilogia da memória de Pedro Orgambide. *História, histórias*, vol. 8, nº 15, jan./jun. 2020. <http://dx.doi.org/10.26512/rhh.v8vi15i.26809>

**Resumo:** Este breve artigo propõe uma forma de leitura da trilogia da memória do escritor argentino Pedro Orgambide. A partir de seu exílio mexicano, o autor tece uma trama ficcional [re]construindo o passado, não o próprio, mas o coletivo de sua pátria, ou seja, ele narra uma [nova] versão, um [novo] passado imaginado para a Argentina. Busca-se, por meio desses romances, refletir sobre os processos de construção de laços identitários, relacionados ao distanciamento mobilizado pela experiência de exílio.

**Palavras-chave:** Ficção; Exílio; Passado; Argentina; Pedro Orgambide.

**Abstract:** This brief article proposes a way of reading the memory trilogy of an Argentinian writer Pedro Orgambide. From his Mexican exile, the author weaves a fictional plot [re]building the past, not his own, but the social past of his homeland, that is, he writes a [new] version, a [new] imagined past for Argentina. Through these novels, we seek to reflect on the processes of construction of identity ties, related to the distancing mobilized by the experience of exile.

**Keywords:** Fiction; Exile; Past; Argentina; Pedro Orgambide.

## Panorama Inicial

Começa-se com duas epígrafes de uma coletânea de ensaios de Pedro Orgambide.<sup>1</sup> A primeira: “Da cultura submersa, o analfabeto, o anônimo, o ninguém, o pobre, podem emergir como personagem.”<sup>2</sup> E a segunda: “A História, sabe-se, não é escrita pelos derrotados. Não foi escrita pelo *gaucho* dizimado, submetido por fim.”<sup>3</sup> Delas, pode-se ter uma ideia de como esse autor argentino vai construir sua narrativa, sua versão [ficcional e imaginada] da História Argentina nessa sua trilogia intitulada da memória.

Continua-se essa série de epígrafes, com mais uma: “O passado é passado, mas sobrevive em tudo ao nosso redor, indispensável e inescapável”.<sup>4</sup> Com isso posto, o objetivo desta proposta de leitura<sup>5</sup> é percorrer a trilogia de memória de Pedro Orgambide, a partir da pergunta: como o passado é representado, construído, a partir do exílio?

É certo que não se pode confundir a vida do autor com as de seus inúmeros narradores e personagens, já que o processo de escrita mescla subjetividade e objetividade e não pode ser interpretado como uma mera expressão individual – consciente ou inconsciente – mas também é certo que é necessário apontar alguns aspectos biográficos deste escritor que nasceu em 9 de agosto de 1929 e faleceu em 19 de janeiro de 2003, na cidade de Buenos Aires. Em sua adolescência, Pedro Orgambide publicou um volume de poemas e não parou mais de escrever: entre seus textos há crônicas, ensaios, contos, novelas e romances – o primeiro deles, *El encuentro*, foi lançado em 1957 –, além de ter escrito peças de teatro e roteiros de televisão. Foi jornalista, dirigiu a revista *Gaceta literaria*, de fevereiro de 1956 a setembro de 1960, e a revista *Cambio* de dezembro de 1975 a setembro de 1981, durante seu exílio mexicano.

---

<sup>1</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Ser Argentino*. Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 1996, p. 15; p. 34.

<sup>2</sup> [Tradução livre] Trecho original: “Desde la cultura sumergida, el iletrado, el anónimo, el nadie, el pobre, puede emerger como personaje.”

<sup>3</sup> [Tradução livre] Trecho original: “La Historia, se sabe, no la escriben los vencidos. No la escribí el gaucho diezimado, sometido, por fin.”

<sup>4</sup> LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Revisited. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2015, p. i. [Tradução livre.] Trecho original: “The past is past, but survives in and all around us, indispensable and inescapable.”

<sup>5</sup> Trata-se de um exercício de leitura que pretende fazer uma ponte entre a dissertação de mestrado desenvolvida entre os anos de 2014-2017, intitulada *Desbravando o arrabal: representações identitárias no romance El arrabal del mundo de Pedro Orgambide*, sob a orientação do Professor Doutor Júlio Pimentel Pinto, defendida no Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, que se debruçou sobre o primeiro volume, e a pesquisa de doutoramento que está em andamento que se dedica a estudar os outros dois romances da trilogia.

Com ascendência judaica e parte de seus avôs imigrantes, as reflexões a respeito de questões religiosas e de errância estão presentes em muitos de seus textos, ainda mais explicitamente no período em que esteve exilado. Disse Orgambide em uma entrevista<sup>6</sup>:

Eu acredito que no exílio todos nós revivemos a experiência de nossos avôs imigrantes de alguma forma. Nós aprendemos a ser estrangeiros. Entendemos o *nono* e o *zeide* que sonhavam com a aldeia ou com o mar, sentados na calçada. Nós fomos *eles* ou como *eles*; e do exterior entendemos um pouco da identidade aluvial do argentino.<sup>7</sup>

Pedro Orgambide partiu para o exílio em 1974, depois da morte do então presidente Juan Domingo Perón, antes, portanto, do último golpe militar argentino [ocorrido em 24 de março de 1976]. É preciso apontar que se tratava de um tempo de incremento da violência institucionalizada. Foi com o golpe de Estado de 16 de setembro de 1955, autointitulado “Revolución Libertadora”, que, segundo Duhalde ocorreram os primeiros ensaios de terrorismo estatal massivo, antecedente do que ele chamou de “Estado Terrorista” para as práticas após o golpe de 1976.<sup>8</sup> A partir de 1955, começaram as perseguições, nesse período voltadas aos dirigentes e aos peronistas em geral, mobilizadas por um [ódio] clamor revanchista [num tempo de proscricção do peronismo]. Seguindo a proposta de Duhalde<sup>9</sup>, pouco a pouco, o uso da violência descarnada se constituiu como principal método de resolução de conflitos sociais por parte do Estado.

Ainda a título de introdução, com a “Revolución Libertadora” e a proscricção do peronismo, Perón deixou a Argentina e só voltou do exílio depois de negociações e acertos políticos em 1973 para assumir a presidência do país, cargo que ocupou até sua morte em 1º de julho de 1974. Durante esse terceiro governo peronista, houve mostras de violência gerada pelo Estado com a conivência do líder, Perón, como a que aconteceu em Córdoba, onde a direita peronista desalojou violentamente o governador e o vice-governador, Ricardo Obregón Cano y Atilio López, com apoio do governo nacional [em 27 de fevereiro de 1974]<sup>10</sup>. Em novembro de 1973, a “Aliança Anticomunista Argentina” [conhecida

---

<sup>6</sup> BOCANNERA, Jorge. Pedro Orgambide: ‘Aprendimos a ser extranjeros’. In: *Tierra que anda: los escritores en el exilio*. [Textos y testimonios]. Rosario, Buenos Aires: Ameghino Editora, 1999, p.157.

<sup>7</sup> [Tradução livre] Trecho original: “Creo que en el exilio todos revivimos de algún modo la experiencia de nuestros abuelos inmigrantes. Aprendimos a ser extranjeros. Comprendimos al *nono* y al *zeide* que soñaban con su aldea o con el mar, sentados en la vereda. Fuimos *ellos* o como *ellos*, y desde la extranjería entendimos algo de la identidad aluvial del argentino.”

<sup>8</sup> DUHALDE, Eduardo Luis. *El Estado Terrorista argentino*. Buenos Aires: Colihue, 2013 [1983].

<sup>9</sup> DUHALDE, Eduardo Luis. *El Estado Terrorista argentino...*, p.59.

<sup>10</sup> DUHALDE, Eduardo Luis. *El Estado Terrorista argentino...*, p. 68-69.

também como Triple A] fez e assumiu um atentado violento. Fato esse que configurou a manifestação de um grupo paramilitar formado por, entre outros, José López Rega, que ocupava um cargo no Ministério de Bem-Estar Social, evidenciando a postura assumida por esse último governo peronista. Depois da morte de Perón, quem assumiu foi a vice-presidente [e viúva de Perón] María Estela Martínez. Sob esse governo, a violência institucional em sua forma paraestatal [como a Triple A e o “Comando Libertadores de América”] produziu centenas de assassinatos pelo território argentino<sup>11</sup>. Foi nesse contexto em que se deu a partida ao exílio de Pedro Orgambide, que retornou a sua terra natal em janeiro de 1984.

Seguindo esse preâmbulo, é certo também que não se pretende aqui atestar qualquer veracidade a essa história argentina – imaginada, criada e – proposta por Orgambide. O objetivo dessa leitura é apontar para as possibilidades de diálogos e ressonâncias entre a narrativa ficcional e as reflexões sobre memória e identidade num processo de construção [e representação] de um passado.

### **Apresentação das Obras**

O conjunto, intitulado pelo próprio autor como *Trilogía de la memoria*, é uma série romances interdependentes, com raras relações diretas entre eles. Eles tratam de tempos, enredos e personagens distintos.<sup>12</sup> Escrever [e publicar] o conjunto dessa trilogia, segundo o próprio autor, foi “uma maneira de se recuperar a partir do imaginário momentos-chave da Argentina. Pensando na Argentina. Esta recriação do passado serviu, creio eu [diz Pedro Orgambide], para tornar o desenraizamento mais suportável”<sup>13</sup>. E, assim, do México, durante meados dos anos de 1970, Orgambide começou a montar esse conjunto de romances.

---

<sup>11</sup> DUHALDE, Eduardo Luis. *El Estado Terrorista argentino...*, p. 69.

<sup>12</sup> Apenas em alguns [poucos] casos, certos personagens são referenciados em mais de um volume, por exemplo, o sobrenome de uma família central do terceiro romance, Bustamante, é mencionado an passant no primeiro romance [intitulado *El arrabal del mundo*], quando é apresentada uma lista de nomes daqueles que estiveram nas batalhas de independência, representando uma família tradicional, conservadora, representante da oligarquia militar; ou ainda, o frigorífico no qual um dos personagens do terceiro romance trabalha pertence a um italiano, imigrante, que pode ser o Giovanni Valleta, personagem imigrante e empreendedor, do segundo romance, que é também italiano.

<sup>13</sup> BOCANNERA, Jorge. Pedro Orgambide..., p.157. [Tradução livre] Trecho original: “una manera de recuperar desde el imaginario, momentos claves de la Argentina. Pensando en la Argentina. Esta recreación del pasado sirvió, creo, para hacer más soportable el desarraigo.”

O primeiro volume da trilogia, *El arrabal del mundo*, foi publicado [em Buenos Aires, assim como os demais] em 1983, ano da volta do processo democrático argentino, precedendo em pouco tempo o retorno de Pedro Orgambide a sua terra natal que se deu em janeiro de 1984. Esse romance trata da narração ficcional dos momentos prévios ao processo de independência daquele país. É um romance de formação do jovem da província, Fabián, que, depois de perder o pai e vender suas terras, muda-se para Buenos Aires. Na primeira parte, a viagem em que ele atravessa o pampa é central, é nela onde acontecem alguns dos encontros com o grupo de *gauchos*, com nativos indígenas e que sente-se a presença próxima da morte [uma possível referência à cultura mexicana]. Chegando à cidade, Santa Maria de los Buenos Ayres, tem-se o segundo momento de sua formação: o jovem ingressa nos círculos de intelectuais [jacobinos] no momento em que ocorrem as invasões inglesas de 1806 e 1807 e que mobilizam uma tomada de consciência [dele e] das potencialidades de se formar um sentimento, uma ideia de nação. A cena final desse primeiro romance é de Fabián que, depois de uma batalha durante a guerra civil que se seguiu à declaração do cabildo aberto em 1810, ao lado de um cavalo selado, encontrado à sombra de uma árvore sem qualquer indício de seu dono, caminha – lado a lado – rumo a um futuro desconhecido.

No segundo volume, *Hacer la América*, publicado em 1984, estão as vozes de diversos imigrantes – italianos, espanhóis, judeus russos – que vão se misturando com a fala *gaucha* dos arrabaldes e a rioplatense das *orillas* somadas também a dos descendentes das primeiras levas imigratórias. Junto com esses personagens estão o tango, o *sainete* e os primeiros passos do movimento operário. Lemos o passar do tempo e o desenrolar da história que se localiza entre fins do século XIX e princípios do XX. Assim, está presente na narrativa o processo de desenvolvimento da cidade de Buenos Aires por meio da narração do cotidiano dessa multidão anônima que, a partir da memória, narra cada qual a sua [pequena] estória.

Em *Pura memoria*, o terceiro volume desta trilogia, de 1985, a narrativa também articula uma série de personagens de diferentes estratos sociais e visões de mundo, ao longo do tempo, em um processo de transferência de geração, centrado no transcorrer da primeira metade do século XX. Esses personagens vão se relacionando nas sequências fragmentadas do romance que segue tecendo um fio cronológico com outro tempos –

reflexões sobre o passado e sobre o futuro, o tempo da memória, o dos sonhos, o das expectativas e o das atividades cotidianas – permitindo o diálogo entre muitas vozes, com suas ressonâncias e traduzindo já desde o título o trabalho de memória feito por todas elas, como se a “pura memória” argentina fosse resultado desse conjunto de vivências diversas que se articulam.

### **O Passado em *El Arrabal del Mundo***

Para pensar na construção de um passado a partir da leitura do primeiro romance da trilogia, o eixo principal é o da problemática acerca das identidades, que envolve a questão da identificação nacional, que não será tratada aqui como algo naturalizado mas, sim, como algo em constante processo de [re]construção e [re]combinação. Utiliza-se, portanto, a premissa de que “as identidades são construídas pelo discurso e constituem o real, integram o jogo conflituoso dos imaginários e das representações e, ao mesmo tempo, tocam os corações e despertam a sensação de pertencimento do indivíduo a uma coletividade”.<sup>14</sup> Portanto, pensar as identidades remete a uma discussão complexa que abarca diferentes campos do conhecimento que, sobretudo em relação à nacionalidade, ao sentido [ou sentimento] de pertencimento nacional, não possuem uma definição uníssona e [en]cerrada, sendo uma questão intrigante e sem consenso analítico.<sup>15</sup>

Assim, em *El arrabal del mundo*, está posta uma discussão a respeito do processo de construção dessa identidade argentina, por meio de figuras portadoras da “cor local”, por meio de certos de “tipos” personagens, como a do *gaucho*.

Nesse caso, então, as vozes, as onomatopeias, os versos e os cacoetes gauchescos podem ser identificados neste romance. Nele, os *gauchos* que representam na historiografia argentina por vezes aquele personagem que está à margem, por outras, aquele que é usado como símbolo nacional, é centrado, principalmente, na figura de El Tigre. O processo de construção e de reconhecimento do *gaucho* como referência da nacionalidade argentina é bastante anterior à publicação do romance de Orgambide.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. Uma introdução ao conceito de identidade. In: BARBOSA, Barbosa; GARCIA, Tânia da Costa (orgs.). Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas, Volume 1, 2009, p. 66. Disponível em <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP1.pdf>. Acesso em 20 de ago. 2019.

<sup>15</sup> ANDERSON, Benedict. Introdução. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 7-22.

<sup>16</sup> Para mencionar apenas algumas obras centrais: *Facundo: civilização e barbárie*, de Domingo Faustino Sarmiento e *Martín Fierro* de José Hernández, ou ainda como Bartolomé Hidalgo que “*escribe por primera vez la voz del gaucho*”

A figura do *gaucho* construída por Orgambide é múltipla tanto na aproximação com a identificação do específico nacional como na narrativa, em que as diferentes formas de identidade gauchesca aparecem representadas nas figuras de El Tigre [líder], do Rastreador [seu oposto, seu espelhamento, que o caça como delator e perseguidor] e do Cantor [figura popular que narra em versos que pode ser musicados as façanhas do grupo]. Cada uma delas se identifica com diferentes lutas e estabelecem distintas relações com os demais grupos de personagens.

Começa-se com El Tigre, que passa pela cadeia sugerida por Ludmer, em *El género gauchesco: un tratado sobre la patria*<sup>17</sup>: de *gaucho vago*, marginal, fora da lei para aquele que entra para o exército “patriótico”, como “valente”: Paulino Cruz, ou El Tigre ou, ainda, o Chefe, aquele que “distribuía ordens e informações para a tropa imunda, descalça e sem pagamento”<sup>18</sup> e quem disputou com o Capitán General [*caudillo*, representante da força provincial institucionalizada] e que, afinal, se juntou às tropas oficiais reunidas para lutar no processo de defesa e reconquista da cidade de Buenos Aires.

Esse personagem tem, em seu apelido, um animal – o tigre. Essa animalização reforça sua representação de vínculo com a natureza e a ferocidade mas, ao longo da narrativa, ele é também comparado a Cristo – por sua ressurreição e pela capacidade de juntar pessoas ao seu redor – e, ainda, a Átila, rei dos hunos – por sua força e brutalidade “bárbaras”.

Quem apresenta os integrantes dessa tropa, no romance, é Doña Milagros, curandeira, representante das classes baixas, enquanto cuidava de seu companheiro que havia chegado ferido de uma empreitada:

Coitados, eles nasceram para matar, ela pensa. Para sua sorte ou seu infortúnio, ela está acostumada com as feridas, as *puteadas*, as ilusões desses ladrões de gados e cavalos que vêm do Reino do Brasil e entram pela Banda Oriental, os ladrões de vacas e mulheres, perversos, *malevos* que se aproximam do rancho quando a vida se esvai pelos cortes de tanta facada, sim, são brutos - diz Dona Milagros (...). Assim são eles, até que o vice-rei se cansa e prepara uma *partida* para golpear esses foragidos e é isso

---

*patriota*”. LUDMER, Josefina. *El género gauchesco: un tratado sobre la patria*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2012, p. 51.

<sup>17</sup> LUDMER, Josefina. *El género gauchesco...*, p. 29.

<sup>18</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *El arrabal del mundo*. Buenos Aires: Bruguera, 1983, p.32. [Tradução livre] Trecho original: “repartía órdenes y grados a la tropa mugrienta, descalza y sin paga”

que acontece com você, Tigre, eles te jogaram e encheram de pólvora até as virilhas e agora nem Deus te salva, Tigre.<sup>19</sup>

Neste excerto, Doña Milagros esclarece que se trata do “*gaucho ‘vago’*, não proprietário e sem emprego fixo ou endereço, a equação bem conhecida desalojada = criminosos”<sup>20</sup>. Eles são insubmissos, mescla das três raças do Litoral [argentino]<sup>21</sup> – branco, indígena e negro, livres e sempre estão com um cavalo<sup>22</sup>. Além disso, ela fala da *partida*, ação da força disciplinar da qual padeceu outro *gaucho*, este bastante conhecido da literatura argentina, *Martín Fierro*<sup>23</sup>, convocado a lutar contra os grupos indígenas, mas que, ao fim, deserta.

Ao lado do *gaucho* nômade, independente, violento e que era visto como criminoso, havia seu espelhamento: aquela figura marginal que fora chamada para atuar ao lado da lei, atravessando a fronteira social. Trata-se do *rastreador* que, no romance, caça El Tigre com os mesmos saberes e práticas:

O rastreador desceu do cavalo e arrancou algumas ervas daninhas e as mastigou e viu à distância um sinal furtivo; então ele se inclinou sobre a terra e descobriu um sinal empoeirado; ligou esses a outros sinais (um ramo quebrado, a pegada mal escondida em um atalho, a delação de outros sinais que só ele poderia descobrir) e olhou para a margem do rio: lá vai a sombra do Tigre, eu posso vê-lo, estou vendo ele atrás de uma pastagem, eu sinto sua astúcia (...). Compelido a matar ou morrer, El Tigre estava deixando de lado a minúcia de sua desgraça que o rastreador recolhia, muito seriamente, à frente da tropa, no trabalho solitário de perseguir e decifrar os sinais. Ele não carregava arma alguma além de um facão. Mas não era a sua arma. A outra, a temida, estava em sua cabeça, em seu ouvido, em seu sentido de olfato, na capacidade de discernir os dispersos. Essa era sua arte, sua força.<sup>24</sup>

<sup>19</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *El arrabal del mundo...* p. 8-9. [Tradução livre] Trecho original: “Pobres, ellos nacieron para matar, piensa. Para su suerte o su desgracia, ella está acostumbrada a las heridas, las puteadas, los delirios de esos cuatros que vienen del Reino del Brasil y se internan por la Banda Oriental, ladrones de vacas y mujeres, malévolos, malevos que se acercan al rancho cuando la vida se les va por los tajos de tanta cuchillada, si serán brutos – dice Doña Milagros (...). Así son, hasta que el Virrey se cansa y arma una partida para hostigar a los forajidos y eso es lo que te pasa, Tigre, te lancearon y te llenaron de pólvora hasta las verijas y ahora ni Dios te salva, Tigre.”

<sup>20</sup> LUDMER, Josefina. *El género gauchesco...*, p. 25. [Tradução livre] Trecho original: “*“gaucho ‘vago’*, no propietario y sin trabajo ni domicilio fijos, la conocida ecuación desposeídos = delinquentes”

<sup>21</sup> O Litoral argentino é composto pela região das províncias Misiones, Corrientes, Entre Ríos, Formosa e Santa Fe que são banhadas pelos rios da Bacia do Prata.

<sup>22</sup> LYNCH, John. As repúblicas do Prata da independência à guerra do Paraguai. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: da Independência a 1870*, vol. III. São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009, p.639.

<sup>23</sup> Referência à obra de José Hernández, um poema narrativo, intitulado *El gaucho Martín Fierro*, publicado, primeiramente, em 1872, e completado com o lançamento da segunda parte, em 1879, intitulada *La vuelta de Martín Fierro*. José Hernández, com esta obra, consolidou o mito do *gaucho* como figura nacional argentina.

<sup>24</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *El arrabal del mundo...* p. 22. [Tradução livre.] Trecho original: “El rastreador bajó del caballo y arrancó unos yuyos y los masticó y vio a lo lejos una señal furtiva; se inclinó luego sobre la tierra y descubrió un signo polvoriento; unió esos datos a otras señales (una rama quebrada, la huella mal encubierta en un atajo, la delación de otros signos que sólo él podía descubrir) y se quedó mirando la orilla del río: por ahí va la sombra del Tigre, puedo verla, la estoy viendo detrás de un pajonal, presiento sus astucias (...). Compelido a matar o morir, El Tigre iba dejando las

El Tigre, depois de ser tratado como “vago”, líder de sua *montonera*, acaba integrando o grupo dos “*gauchos patrióticos*”, aqueles que participaram das lutas de independência. “*Zambos, mulatos, mestiços, negros: você encontrará de tudo em sua tropa*”<sup>25</sup> diz o Capitán General sobre o grupo de *gauchos* agrupados por Tigre para, somando forças à de Buenos Aires, expulsar os ingleses, reconquistando a cidade. Quando convocado a compor essas tropas, El Tigre se espanta:

(...) Então agora o Capitão Geral quer falar comigo? Que morra! Ele e os almofadinhas de Buenos Aires. O que você diz, jovem? Não, eu não respondo a nenhum Rei, para que fique claro. Aqui eu sou a autoridade! Não, eu não sei nada sobre os ingleses. Vocês têm sua tropa, não? Pra que querem a mim, se sou um bandido? ... O que você está falando? ... Que perdoam meus erros se eu me juntar à tropa regular? ...

– Você ouviu isso, Cantor? Primeiro te cagam a pauladas e depois vem com a luva branca! ... (...) Que eu vá a Buenos Aires com o meu povo? ... O que me coloque ao seu serviço? (...)

– Olhe jovem, diga ao Capitão que o Tigre não vai tirar suas castanhas do fogo, como dizem os galegos. Diga assim. E diga-lhe que o *gaucho* não reconhece outros padrões além daqueles que ele escolhe por vontade própria. Diga-lhe também que é muito feio lembrar das pessoas pobres somente quando os ricos precisam ser defendidos, sejam eles *gachupines* ou *criollos*. Que essas pessoas sem pagamento, sem recompensa, sem lei, já se cansaram de suas promessas. E diga a ele que os bandidos (como eles nos chamam), os malvados (então, eles dizem, certo?) são meio surdos às ameaças e surdos a todos as afetações e puxa-saquices.<sup>26</sup>

Neste excerto, reforçam-se os elementos que caracterizam o grupo de *gauchos* no romance: a insubmissão, os trabalhos esparsos, a marginalidade (não sendo proprietários de grandes porções de terra, tendo trabalhos esporádicos e sua própria lei), a destreza com a faca (instrumento de trabalho e de luta) e a oralidade. Pode-se perceber, também, a

---

minucias de su desgracia que el rastreador recogía, muy serio, a la vanguardia de la tropa, en el trabajo solitario de perseguir y descifrar los signos. No llevaba más arma que un facón. Pero no era su arma. La otra, la temida, estaba en su cabeza, en su oído, en su olfato, en la capacidad de discernir lo disperso. Ese era su arte, su fortaleza.”

<sup>25</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *El arrabal del mundo*... p. 11. [Tradução livre.] Trecho original: “Zambos, mulatos, mestizos, negros: de todo encontrará en su tropa.”

<sup>26</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *El arrabal del mundo*... p. 114-115. [Tradução livre.] Trecho original: (...) ¿Así que ahora el Capitán General quiere hablar conmigo? ¡Que se muera! Él y los cajetillas de Buenos Aires. ¿Qué dice, joven? No, yo no respondo a ningún Rey para que sepa. ¡Aquí yo soy la autoridad! No, no sé nada de los ingleses. Ustedes tienen su tropa ¿no? ¿Para qué me quieren a mí si soy un bandido? ... ¿Qué Dice?... ¿Qué me perdonan mis errores, si me sumo a la tropa regular?... – ¿Oíste eso, Cantor? ¡Primero te cagan a palos y después vienen con el guante blanco!... (...) ¿Que baje a Buenos Aires con mi gente? ... ¿Qué me ponga a sus órdenes? (...)

– Mire mozo, dígame al Capitán que el Tigre no saca las castañas del fuego, como dicen los gallegos. Dígaselo así nomás. Y dígame que el *gauchaje* no reconoce otros jefes que los que elige por su voluntad. Dígame también que es muy feo acordarse de la gente pobre sólo cuando hay que defender a los ricos, sean *gachupines* o *criollos*. Que esta gente sin paga, sin recompensa, sin ley, ya se cansó de las promesas. Y dígame que los forajidos (como él nos llama) los malévolos (así dice ¿no?) son medio sordos para las amenazas y sordos del todo para los remilgos y alcahueterías.

contradição da proposta de formar um grupo “argentino”, coeso na expulsão dos ingleses. A *montonera* de El Tigre lutou e fez diferença nas cenas de batalhas do romance.

Orgambide, nesta narrativa, ficcionaliza um momento chave no processo de formação nacional e insere os *gauchos* para representar essa cultura submersa, importante componente do imaginário social da nação, colocando-a como protagonista. Com isso, o autor traz à tona os personagens populares que foram excluídos pela historiografia liberal do período pós-independência [como o indicado nas epígrafes].

### O passado em *Hacer la América*

Do *gaucho*, passamos para o imigrante. Do primeiro, para o segundo romance. Dos arrabaldes, à cidade de Buenos Aires, agora em fins do século XIX:

Dos corredores da algazarra do mercado, dos pátios dos cortiços, dos terraços, dos telhados de zinco, dos anjos de gesso, das cornijas, das molduras, das sacadas, das ferragens, do fundo da cisterna, das caixas de correio, das pérgulas, das colunas de ferro, sai aquele cheiro de chuva, o ozônio do ar e depois, nas alturas de Barracas, um relâmpago, um trovão e a água fina, a garoa que molha a calçada. Enzo respira a cidade. Olha para os dormentes e casas de lata ao lado da Boca do Riachuelo. Para Enzo, a cidade já é sua, vendo-a do alto da boleia.

– “Eu vou ser argentino”, diz.<sup>27</sup>

Enzo, um italiano da Calábria, está no berço da cidade de Buenos Aires, um lugar representativo dessa cidade-porto, que foi toda construída voltada para fora, no momento de sua afirmação: “vou ser argentino”. A formação e a consolidação do Estado nacional argentino – iniciado com os processos narrados [ficcionalmente] no primeiro volume da trilogia, a defesa e reconquista de Buenos Aires e a declaração do cabildo aberto – foram partes de um processo conflagrado, marcado por conflitos internos que se estenderam por um longo período. Foi durante a presidência de Rivadavia, nos anos de 1820, que começaram os primeiros projetos de subsidiar a imigração para uma ocupar o território, ainda de forma incipiente. No entanto, com o processo de modernização de Buenos Aires

---

<sup>27</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Hacer la América*. Buenos Aires: Bruguera, 1984, p. 32. [Tradução livre] Trecho original: “De los zaguanes de la fiesta del mercado, de los patios del conventillo, de las terrazas, de los techos de zinc, los ángeles de yeso, las cornisas, las molduras, de los balcones, de las ferreterías, del fondo del aljibe, de los buzones, las pérgolas, las columnas de fierro, sale ese olor a lluvia, el ozono del aire, y luego, sobre los altos de Barracas, un relámpago, un trueno, y el agua fina, la garúa que moja el empedrado. Enzo aspira la ciudad. Mira los durmientes y las casas de lata junto a la Boca del Riachuelo. Para Enzo, la ciudad ya es suya desde lo alto del pescante.  
– “Voy a ser argentino”, se dice.”

e o estabelecimento de sua hegemonia frente ao restante do país que se firmou que essa nova Argentina precisava de gente ocupando e produzindo em seu vasto território. Como afirma Lynch, “a imigração alimentava significativamente o crescimento populacional. (...) Depois de 1862, a imigração virou uma política nacional, e foram criadas diversas agências na Europa com o objetivo de atrair imigrantes”<sup>28</sup>. Assim, na passagem do século XIX para o XX, a população buonarense aumentou consideravelmente e essa avalanche imigratória “permitiu que a população argentina, normalmente pequena e dispersa, quadruplicasse entre 1869 e 1914: dos cerca de 1,8 milhão de habitantes contados em 1869, saltou-se a mais de 3 milhões em 1890 e a quase 8 milhões na metade dos anos dez do século XX”<sup>29</sup>.

– Olhem esse gringo, que sonso, adormeceu no curral! (...) Não sei o que [ele] diz, não entendo. (...) Pra mim, são todos iguais: brancos como leite e com os olhos de um papagaio. (...) Afinal, ele é cristão, não? Dizem que vêm de longe para trabalhar a terra que tomamos dos infiéis.<sup>30</sup>

Desse contato com o ‘Outro’ e com sua incorporação ao cotidiano local é que será forjada a identidade argentina. Multidões chegavam todos os dias e se apresentavam a uma sociedade que era relativamente pequena e estava em processo de formação, consolidação. Essa movimentação de imigrantes está expressa já desde o título desse segundo romance que expressa o “lugar comum e [o] sonho incompleto”<sup>31</sup> desses imigrantes que chegaram à Argentina para “fazer a América”. Retomemos o romance:

No porto estavam a Sra. Toppler, o Sr. Fishermbaum, pessoas da comunidade e um funcionário muito sério do governo recolhendo os documentos dos imigrantes. (...) Desciam libaneses, alguns italianos, mas espanhóis atrasaram (...) que navio é esse que não traz espanhóis? Mas eles já estavam lá, os reconheceu por suas boinas, seu andar, as ordens do pai para a família, os crucifixos, os xales, os “zês” da sua fala.<sup>32</sup>

<sup>28</sup> LYNCH, John. As repúblicas do Prata da independência à guerra do Paraguai..., p. 671-672.

<sup>29</sup> PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges*. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998, p. 50.

<sup>30</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Hacer la América...*, p. 8-9. [Tradução livre] Trecho original: “– ¡Miren si será sonso el gringo éste, quedarse dormido en el potrero! (...) No sé qué dice, no lo entiendo. (...) Pa mí son todos iguales: blancos como la leche y con los ojos de cotorra. (...) Al fin es un cristiano ¿no? Dicen que vienen de muy lejos para trabajar la tierra que le quitamos a los infieles.”

<sup>31</sup> ORGAMBIDE, Pedro. Ofício de Narrador. *Hispanica*. Ano 10, No. 30, Dec., 1981, p. 103. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20541924>. Acesso em 16 jan. de 2019. [Tradução livre] Trecho original: “lugar común y sueño incumplido”.

<sup>32</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Hacer la América...*, p. 34. [Tradução livre] Trecho original: “En el puerto los esperaba la señora Toppler, el señor Fishermbaum, gente de la colectividad, y un empleado del Gobierno, muy serio, que iba recogiendo los papeles de los inmigrantes. (...) Bajaban los libaneses, algunos italianos, pero los españoles se demoraban (...) ¿qué barco es éste que no trae españoles? Pero ya estaban allí, los reconoció por sus boinas, su andar, las órdenes del padre a la familia, los crucifijos, las pañoletas, las zetas de su habla (...)”.

Percebe-se um cenário movimentado, vinham, ademais, imigrantes provenientes de outras zonas, muito embora a expectativa fosse estimular a imigração do norte europeu. No trecho anterior aparecem alguns lugares de partida: Líbano, Espanha, Itália, tendo vindo grupos mais modestos, por exemplo, de judeus russos, como é o caso do núcleo de personagens de David Burtfichtz, que representa o judeu errante como o autor, filho de imigrantes judeus que, por sua vez, também teve que deixar sua terra natal. Como o afirma Muchnik:

Juntamente com esses russos de religião judaica, chegaram espanhóis, italianos, galeses, franceses, suíços, irlandeses, poloneses, ucranianos, alemães russos e armênios. E todos juntos tiveram que conviver com o nativo que os viu com surpresa e, em alguns momentos, com inimizade determinada<sup>33</sup>

No diálogo a seguir, David é questionado pelo sogro, sobre essa tensão entre os imigrantes e os nativos, antes de sua partida à América:

Quer ir? América, você diz? Você quer levar minha Rachel e minha Liuba? Você acha que lá você encontrará a paz? Não há paz para nós, David. Você pode escapar dos cossacos, você pode se esconder no fim do mundo, mas lá você também vai encontrar mal, ódio pelo nosso povo. Não acha? E o que você sabe sobre a América, David? Você leu alguns livros, você tem, como dizem, uma boa educação. Mas você sabe, David? Você é um judeu, um leproso que deve ser mantido longe; você sempre será diferente dos outros.<sup>34</sup>

Essa maldade e esse ódio aparecem em diversas passagens do romance e estão também presentes na história argentina, em que houve perseguições à comunidade judaica. A cena de desfecho de *Pura memória* é com a morte de David, assassinado durante uma semana quente de janeiro de 1919. Sua papelaria está fechada, com uma placa sinalizando luto. No parágrafo seguinte, sua filha Liuba – agora cantora conhecida como Luna – relembra uma canção de infância... Essa semana de janeiro, na historiografia, ficou conhecida como Semana Trágica e foi nesse período, afirma Finchelstein: “quando o antissemitismo argentino transcendeu os escritos e se converteu em prática vitimizadora.

<sup>33</sup> [Tradução livre] Trecho original: “Junto con esos rusos de religión judía arribaron españoles, italianos, galeses, franceses, suizos, irlandeses, polacos, ucranianos, rusoalemanes, armenios. Y todos juntos debieron covivir con el nativo que los vio con sorpresa y, en algunos momentos, con decidida enemistad.”

<sup>34</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Hacer la América...*, p. 17. [Tradução livre] Trecho original: “¿Te quieres ir? ¿A América dices? ¿Quiere llevarte a mi Raquel y a mi Liuba? ¿Crees que allí encontrarás la paz? No hay paz para nosotros, David. Puedes escapar de los cosacos, puedes ocultarte en el fin del mundo, pero también allí encontrarás la maldad, el odio a nuestra gente. ¿No? ¿Qué sabes tú de América, David? Has leído algunos libros, tienes, como se dice, una buena educación. ¿Pero sabes, David? Eres un judío, un leproso al que hay que tener alejado, siempre serás distinto a los demás.”

Então, foi com os fascistas nas décadas de [19]30 e [19]40 que o nacionalismo antissemita ocupou um lugar principal”.<sup>35</sup>

Temos, portanto, nesse segundo romance, a construção de um passado vinculado ao processo migratório que transformou a realidade argentina na passagem do século XIX para o XX e que “gerou um clima novo e contraditório de sentimentos. A imagem positiva do imigrante e a confiança entusiástica nas possibilidades do futuro econômico argentino que despertaram sua presença foram combinadas (...) com certa inquietação e medo pelas características da nova sociedade aluvial.<sup>36</sup> Uma das estratégias utilizadas pelo governo argentino para lidar com essa tensão foi por meio da educação institucionalizada, principalmente, com o ensino da língua, da história e das tradições locais a partir de escolas públicas, de festas patrióticas, do serviço militar obrigatório aos jovens e do processo de naturalização dos estrangeiros.

Seguindo a vida desses imigrantes e o processo de adaptação tanto nas terras argentinas quanto com o nativo, o romance expõe esse processo de construção da nacionalidade, de um sentimento de pertença, feito a partir de estratégias políticas e discursivas que engloba tanto o envolvimento popular, a criação e manutenção de tradições quanto a utilização dispositivos simbólicos e de força institucionalizada de diversas naturezas. Um dos exemplo possíveis de se tirar do romance é a vida de Paco Londeiro, filho de Manuel Londeiro, o primeiro da família a deixar seu povoado na Espanha, que chegou em Buenos Aires, ingressou no trabalho portuário – como estivador – para juntar o dinheiro necessário para trazer os que haviam ficado do outro lado do Atlântico. Paco imigrou criança, aos 12 anos começou a vender jornais e a aprender a malandragens das ruas da cidade e apaixonou-se pelo tango, pelo bandoneon que virou seu instrumento e ganha pão.

### **O passado em *Pura Memoria***

---

<sup>35</sup> FINCHELSTEIN, Federico. La Argentina fascista: los orígenes ideológicos de la dictadura. Buenos Aires: Sudamericana, 2012, loc. 732. [Tradução livre] Trecho original: “Fue durante la llamada Semana Trágica de 1919 cuando el antisemitismo argentino trascendió los escritos y se convirtió en práctica victimizadora. Luego fue con los fascistas de en las décadas del 30 y 40 que el nacionalismo antissemita ocupó un lugar principal”.

<sup>36</sup> BERTONI, Lilia Ana. *Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas*. La construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001, p. 19. [Tradução livre] Trecho original: “(...) generó un novedoso y contradictorio clima de sentimientos. La imagen positiva del inmigrante, y la entusiasta confianza en las posibilidades del futuro económico argentino que despertaba su presencia, se combinaron (...) con algo de inquietud y temor por los rasgos de la nueva sociedad aluvional”.

Do romance anterior, foram apresentadas partes dos percursos de vida de David Burtfichtz e de Paco Londeiro, utilizadas como exemplo, para mostrar os processos de integração do imigrante. Em *Pura memoria*, o procedimento é semelhante: por meio do desenvolvimento das vidas dos personagens que é narrado o desenrolar do século XX. Esse último volume da trilogia começa com um sonho, a partir do qual, por meio da alegoria do movimento das marés representando, por sua vez, o trabalho da memória, leva o leitor para próximo do general Ordóñez que participou, quando jovem, das campanhas do deserto<sup>37</sup> e cujos descendentes, entre eles sua neta Mara, vivenciaram o bombardeio na Praça de Maio em junho de 1955.

Todos os romances da trilogia, ainda que sobre outros tempos históricos, possuem ressonâncias e ecos da última ditadura militar argentina. Essa afirmação fica mais evidente, no entanto, com a leitura desse terceiro volume que ao apontar cicatrizes do passado expõe também as marcas, por exemplo, da violência de Estado dos anos de 1970:

“Dizem que na Argentina os militares fazem revoluções no outono ou no inverno, ou, o mais tardar, na primavera, porque no verão eles têm que descansar”.<sup>38</sup>

Trata-se de uma piada que compõe a narrativa e é utilizada como uma estratégia: há, nela, uma quebra na previsibilidade das ações num desfecho que prevê um período de descanso aos militares, sempre muito atarefados nas confabulações golpistas [isso, ainda, sendo falado por Mara, a descendente da família militar]. O *punch line* ultrapassa a piada e o próprio tempo narrado no romance, revelando, assim, um anacronismo de onde se pode intuir um possível posicionamento do autor em relação não apenas ao período dessa sua narrativa ficcional, que termina com o final do primeiro governo de Perón, em 1955, como também o período subsequente de outros golpes militares, outros momentos de instabilidade política que culminou, no caso de Pedro Orgambide, no exílio.

Pode-se, perceber, através desse pequeno fragmento, que “do humorismo, além do depoimento e da temática, é importante recuperar o alcance dos sentidos que ele gera no leitor refratando seu próprio contexto (no qual é imerso diariamente) e, portanto,

---

<sup>37</sup> Movimento baseado em expedições militares, entre 1855 e 1877, que buscou a expansão da fronteira argentina, com incorporação de terras ao Estado e com o extermínio das populações indígenas. Cf. PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: Política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. São Paulo: Alameda, 2012.

<sup>38</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Pura memoria*. Buenos Aires: Bruguera, 1985, p. 211. [Tradução livre] Trecho original: “Dicen que en la Argentina los militares hacen las revoluciones en el otoño o el invierno, a más tardar en primavera, porque en el verano tienen que descansar”.

propondo uma reflexão desnaturalizante e disruptiva<sup>39</sup>. Nessa piada, construída intencionalmente, está colocado um dos pontos de tensão mais marcantes – e peculiares – da história argentina, que é esse caminho instável e truculento entre democracia e autoritarismo, que deixou marcas nos campos social e da cultura.

E, ainda, seguindo esse terceiro volume da trilogia, *Pura memoria*, como o próprio título sugere, temos as potencialidades da memória utilizadas pelos personagens que narram:

Mas algo acabou naquela tarde. Eu sabia disso enquanto caminhava pela Plaza de Mayo, quando vi pessoas ajoelhadas para rezar por Evita. Pensei ter ouvido o som de um bumbo, mas foi apenas o estrondo do trovão.

– É difícil para nós conversar, é difícil para nós entendermos um ao outro... – David refletiu - É uma doença muito argentina, não acha? Ou nós lutamos... ou nada. Por Perón ou contra Perón. Por River ou Boca.

– Não é tão simples assim, che.

– Não? Os rufiões, sempre. O compadrio. Talvez seja esse o destino do nosso país, Diego.

– Não quero discutir.

– Isso é soberba. Eu te chamei para conversar.

Mas eu estava cansado. Não podia suportar uma conversação intelectual como David gostava, falar sobre o universo para concluir que, em coisas concretas, na política, por exemplo, estávamos separados. Eu disse a ele mais ou menos assim e acho que ele entendeu. O vento sul estava soprando e a água do rio começou a encrespar.

– Quando a maré baixar, poderemos ser amigos de novo – David filosofou.

– Nós somos amigos - eu disse, mas sem convicção.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> FLORES, Eduardo Paganini Vista. El humor entre los '60 y '70: una breve mirada al humor como discurso social y su vínculo con la política. *Revista Borradores* Vol VIII-IX. Argentina: Universidad Nacional de Río Cuarto, 2008. Disponível em: <http://www.unrc.edu.ar/publicar/borradores/Vol8-9/pdf/El%20humor%20entre%20los%2060%20y%2070.pdf>. Acesso em 15 out. 2019. [Tradução livre] Trecho original: “del humorismo, además de lo testimonial y lo temático, es importante recatar el alcance de los sentidos que genera en el lector refractándole su propio contexto (en el que está cotidianamente inmerso), y por ende proponiéndole una reflexión disruptora, des-naturalizadora del mismo”.

<sup>40</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Pura memoria...*, p. 155. [Tradução livre] Trecho original: “Pero algo terminaba aquella tarde. Lo supe mientras caminaba por la Plaza de Mayo, cuando vi a la gente que se arrodillaba para rezar por Evita. Creí oír el sonido de un bombo, pero sólo era el retumbar de un trueno.

– Nos cuesta hablar, nos cuesta entendernos... – reflexionó David – Es una enfermedad muy argentina ¿no te parece? O nos peleamos... o nada. Por Perón o contra Perón. Por River o Boca.

– No es tan simples, che.

– ¿No? El matonismo, siempre. La compadrada. Tal vez sea ése el destino de nuestro país, Diego.

– No quiero discutir.

– Eso es soberbia. Te llamé para hablar.

Pero estaba cansado. No podía soportar una conversación intelectual como le gustaba a David, hablar del universo para llegar a la conclusión de que en las cosas concretas, la política, por ejemplo, estábamos separados. Se lo dije más o menos así y creo que lo entendió. Soplabla el viento del sur y el agua del río comenzó a encresparse.

– Cuando baje la marea, a lo mejor volvemos a ser amigos – filosofó David.

– Somos amigos – le dije, pero sin convicción.”

Neste trecho há a lembrança de uma amizade, de uma conversa. O narrador pensa a respeito de um tempo passado mas narra um problema que persiste no tempo da escrita [e, podemos acrescentar, no tempo da leitura]: a disputa, a tomada de posição que nesse diálogo está expressa entre os personagens que, embora em posições distintas, aproximam-se, esbarram [cada um à sua maneira], de traços eminentemente biográficos do autor. David é um intelectual judeu. Diego, seu interlocutor neste diálogo, é o jovem jornalista e peronista. No entanto, não há possibilidade de consenso, de conciliação entre as diferentes partes que compõem a Argentina, desde a questão anunciada no primeiro romance, com as tensões entre a cidade a província; seguida, no segundo romance, com as entre imigrantes e nativos; acrescentadas a essa última, de peronistas e não peronistas. Essas disputas evidenciam o processo constante – e tensionado – de construções de identidades e de sentimento de pertença que estão em jogo.

#### **À guisa de uma conclusão: uma leitura do conjunto**

No, no estamos exilados de la memoria. Todos o casi todos tratamos de mantener viva la memoria del país, su historia. (...) En nuestro caso, como escritores, intentamos romper nuestro aislamiento. (...) Y en lo personal, durante años yo escribí las “novelas de la memoria” como una manera de recuperar, desde el imaginario, momentos claves de la Argentina. Pensando en la Argentina. Esta recreación del pasado me sirvió, creo, para hacer más soportable el desarraigo.<sup>41</sup>

Este excerto foi dito pelo autor, quando perguntado se os argentinos exilados também o eram em relação à memória, aquela que engana, que seleciona, que guarda, que deixa lapsos e esquecimentos... A memória da pátria, quando se é exilado; a memória coletiva, que une um grupo a características e anseios comuns... É essa memória que sustenta a formulação do sentido de identidade e nesse processo de relembrar, de reconstruir o passado, é que se fundamenta o sentimento de pertença. A literatura, segundo Beatriz Sarlo, “é escrita com e contra esse esquecimento mas não na empresa ilusória de restituir o passado, e sim na de construí-lo como uma invenção”.<sup>42</sup>

Esse processo de construção e utilização da memória foi utilizado por Pedro Orgambide para construir esse passado para a Argentina a partir de uma Buenos Aires

---

<sup>41</sup> BOCANNERA, Jorge. Pedro Orgambide... p. 157.

<sup>42</sup> SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica*: Buenos Aires 1920 e 19230. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 387.

distante, uma representação, e que é precisamente a partir dela que ele redescobre ou reafirma a identidade. Pátria essa que,

referencialmente ancorada em um local geográfico; é o fim da infância; são os caminhos de observação das diferenças entre o subúrbio e o centro europeizado; são as longas caminhadas pelas ruas armazenadas na memória e reconstruídas por essa reconstrução imaginária.<sup>43</sup>

Com a apresentação breve de uma possibilidade de leitura da trilogia, buscando uma reflexão sobre os elementos que compõem essa representação de um passado construído e imaginado, foi percebida uma temporalidade múltipla, composta por camadas tempos entrelaçados – de uma maneira geral, percebe-se, de chofre, o passado histórico da Argentina, o presente da escritura [esse tempo e esse lugar distanciado e estranhado do exílio] e o presente da leitura que enredam nesta teia as questões relacionadas à experiência e ao trabalho da memória. Ou seja, essa temporalidade múltipla e complexa representa, de certa forma, a presença de uma variedade de histórias também entrelaçadas: a história [pessoal] do autor, a história política de seu país [passada e contemporânea ao momento da escrita] e as [inúmeras] histórias inventadas, ficcionalizadas, imaginadas, tratando-se de uma narrativa cujo conteúdo, criado por um escritor que viveu [n]o exílio, é reconhecidamente localizado [espacialmente] na Argentina e [temporalmente] dos séculos XIX e XX.

Na trilogia, portanto, o passado é reatualizado, é apresentada uma versão ficcionalizada da História Argentina como um espaço possível da memória. Trata-se de uma revisão do passado em tempos de exílio. Orgambide traça a história argentina a sua maneira, remontando-a, atribuindo-lhe outras formas e outros significados para, quem sabe, entende-la. Do México, Orgambide remexe em seu passado [individual e coletivo, social], vasculha suas memórias [próprias e da pátria] a partir desse distanciamento e reflete e revisita a sua história e a de seu país para tentar compreender esse presente que ele acompanha de longe.

---

<sup>43</sup> PINTO, Júlio Pimentel. Borges lee Buenos Aires. Un ejercicio crítico frente a la modernización de la ciudad. *Variaciones Borges* 8 (1999), p. 83. Disponível em: <http://www.borges.pitt.edu/sites/default/files/0807.pdf>. Acesso em 17 out. 2019. [Tradução livre] Trecho original: “en tanto anclada referencialmente en un lugar geográfico; es el recate de la infancia; son las rutas de observación de las diferencias entre el suburbio y el centro europeizado; son los largos paseos por las calles guardadas en la memoria y reconstruidas por esta una reurbanización imaginaria”

É, portanto, possível pensar que o exílio mexicano de Orgambide propiciou um espaço distanciado para uma leitura e uma construção ficcional do passado de seu país, articulando memórias, como forma de [re]definir, [re]contectar e, mesmo, inventar suas tradições e seus laços de pertencimentos. Já que ele, provavelmente, sentiu o impacto dessa experiência social e culturalmente e buscou, principalmente nesta trilogia, recuperar sua história como argentino por meio da construção ficcional, já que, “construir o mundo é o caminho, diz Adriana Rodriguez Pérsico, para responder à realidade, fazer opções dentro do repertório oferecido pelo cenário moderno”<sup>44</sup>. Houve, portanto, uma construção em prol de um passado ficcional inventado para sua pátria, contado a partir de uma linguagem, de uma paisagem e de alegorias próprias uma vez que “m país não é constituído apenas por seu território e pela sociedade ou pessoas que o habitam, mas também por uma atividade constante de articular sentidos, criando sistemas (...) capazes de gerar lealdades e vínculos”<sup>45</sup>.

### Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. Introdução. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BERTONI, Lilia Ana. *Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas*. La construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001.

BOCANNERA, Jorge. Pedro Orgambide: ‘Aprendimos a ser extranjeros’. In: *Tierra que anda: los escritores en el exilio*. [Textos y testimonios]. Rosario, Buenos Aires: Ameghino Editora, 1999.

DUHALDE, Eduardo Luis. *El Estado Terrorista argentino*. Buenos Aires: Colihue, 2013 (1983).

FINCHELSTEIN, Federico. *La Argentina fascista: los orígenes ideológicos de la dictadura*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012 (ebook).

FLORES, Eduardo Paganini Vista. El humor entre los '60 y '70: una breve mirada al humor como discurso social y su vinculo con la política. In: *Revista Borradores Vol VIII-IX*. Argentina: Universidad Nacional de Río Cuarto, 2008. Disponível em: <http://www.unrc.edu.ar/publicar/borradores/Vol8-9/pdf/El%20humor%20entre%20los%2060%20y%2070.pdf>. Acesso em 15 out. 2019.

---

<sup>44</sup> PINTO, Júlio Pimentel. Borges lee Buenos Aires..., p. 82-83. [Tradução livre] Trecho original: “construir mundo es la forma, dice Adriana Rodriguez Pérsico, de responder a la realidad, de realizar opciones dentro del repertorio ofrecido por el escenario moderno”.

<sup>45</sup> SUBERCASEAUX, Bernardo. *História de las ideas y de la cultura en Chile*. Tomo 1. Chile: Editorial Universitária, 1997, p. 9. [Tradução livre] Trecho original: “un país no está constituido solo por su territorio y por la sociedad o la gente que lo habita, sino también por una actividad constante de articular sentidos, crear sistemas (...) capaces de generar lealdades y vínculos”.

- LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country. Revisited*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2015.
- LUDMER, Josefina. *El género gauchesco: un tratado sobre la patria*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2012.
- LYNCH, John. As repúblicas do Prata da independência à guerra do Paraguai. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: da Independência a 1870*, vol. III. São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.
- ORGAMBIDE, Pedro. *Ser Argentino*. Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 1996.
- ORGAMBIDE, Pedro. Ofício de Narrador. *Hispanica*. Ano 10, No. 30, Dec., 1981, p. 103. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20541924>. Acesso em 16 jan. de 2019.
- ORGAMBIDE, Pedro. *El arrabal del mundo*. Buenos Aires: Bruguera, 1983.
- ORGAMBIDE, Pedro. *Hacer la América*. Buenos Aires: Bruguera, 1984.
- ORGAMBIDE, Pedro. *Pura memoria*. Buenos Aires: Bruguera, 1985.
- PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: Política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. São Paulo: Alameda, 2012.
- PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges*. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998.
- PINTO, Júlio Pimentel. Borges lee Buenos Aires. Un ejercicio crítico frente a la modernización de la ciudad. *Variaciones Borges* 8 (1999). Disponível em: <http://www.borges.pitt.edu/sites/default/files/0807.pdf>. Acesso em 17 out. 2019.
- PRADO, Fernanda Palo. *Desbravando o arrabal: representações identitárias no romance El arrabal del mundo de Pedro Orgambide*. Dissertação de Mestrado em História Social. Departamento de História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- PRADO, Maria Lígia Coelho. Uma introdução ao conceito de identidade. In: BARBOSA, Barbosa; GARCIA, Tânia da Costa (orgs.). *Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas*, Volume 1, 2009. Disponível em <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP1.pdf>. Acesso em 20 de ago. 2019.
- SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 19230*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- SHUMWAY, Nicolás. *A invenção da Argentina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: Editora UnB, 2008.
- SUBERCASEAUX, Bernardo. *História de las ideas y de la cultura en Chile*. Tomo 1. Chile: Editorial Universitaria, 1997.

Recebido em 23 de outubro de 2019

Aprovado em 03 de abril de 2020